



Daniel Castellano

Homem ajusta o topo da lona do circo: típica imagem de cotidiano em que o drone oferece um ponto de vista privilegiado

# O ENQUADRAMENTO COM UMA visão de pássaro

Aos poucos, fotojornalistas vão adotando o drone como mais um equipamento capaz de oferecer um ângulo privilegiado para fazer reportagens e trabalhos pessoais

POR JOSÉ DE ALMEIDA

**F**otografar com câmera de drone é uma realidade, e muitos segmentos da fotografia já incorporaram o aparelho ao equipamento do cotidiano. No fotojornalismo, essa aceitação tem sido mais lenta, mas já há profissionais se

destacando nesse tipo de foto aérea, caso dos paranaenses Sérgio Ranalli, editor de fotografia da *Folha de Londrina*, e Daniel Castellano, ex-repórter fotográfico da *Gazeta do Povo*, de Curitiba, que hoje se dedica a frilas e trabalhos pessoais. Quem os acompanha pelo Ins-

tagram tem percebido que as fotos feitas por eles com drones são de altíssimo nível.

Ranalli já praticava fotografia aérea tradicional. Como é especializado em imagens do campo e de agronegócios, esse ponto de vista é muito usado para en-





Fotos: Sérgio Ranalli

quadrar plantações e outras cenas rurais. Por isso, para ele, a busca por um drone foi um caminho natural.

O primeiro contato prático foi quando comprou o aparelho, um DJI Phantom 4 Pro, há pouco mais de um ano. Antes de fechar negócio, ele pesquisou bastante e leu muito sobre a utiliza-

ção e segurança de voo, principalmente. Porém, não chegou a fazer um curso formal de pilotagem de drone. “Como boa parte da fotografia que faço é no campo, foi uma ótima oportunidade de aprender e treinar sem colocar em risco pessoas, edificações, e por aí vai”, explica Ranalli.

**No alto, o colorido e a geometria do barco de pesca e da canoa: acima, criança no caminhão de uvas, foto ganhadora do Prêmio Massey Ferguson de Jornalismo de 2017**





Cotidiano na cidade: recorte no teto do prédio lembra o videogame Pac-Man; homem na limpeza de um lago em Curitiba (PR)

## PRECONCEITO

Ele confessa que antes de adquirir o drone tinha um certo preconceito. Achava um pouco estranha a ideia de fotografar por meio de um controle e uma tela de *smartphone*. Mas diz que foi uma boa surpresa quando passou a usar o aparelho. “Hoje você tem uma ótima relação de custo-benefício, com câmeras de boa qualidade óptica e de sensor. A maior vantagem é poder fazer fotografia aérea sem os gastos exorbitantes de loca-

ção de aeronaves, além das possibilidades de ângulo e altitude que só o drone proporciona”, avalia o fotógrafo.

Mas também há desvantagens: a principal é a autonomia de voo, já que as baterias não têm carga para mais que meia hora de operação. Ele acredita que esse é um ponto a ser melhorado no futuro e que já há pesquisas para que isso ocorra. “Vale ressaltar também que a fotografia com drone não substitui a aérea convencional em todas as situações, como em altitudes

acima de 400 pés (limite dos drones) e em percursos longos”, adverte Ranalli.

Atualmente ele usa o drone tanto para reportagens quanto para trabalhos pessoais – nestes, com mais intensidade. Quanto à questão técnica de fotografar, ele compara o uso do drone com a fotografia aérea convencional: “Na convencional, gosto mais da agilidade e da rapidez de ação. Gosto muito de fotografar com tele, o que não consigo fazer com meu drone. Outra diferença é que na convencional sua pre-

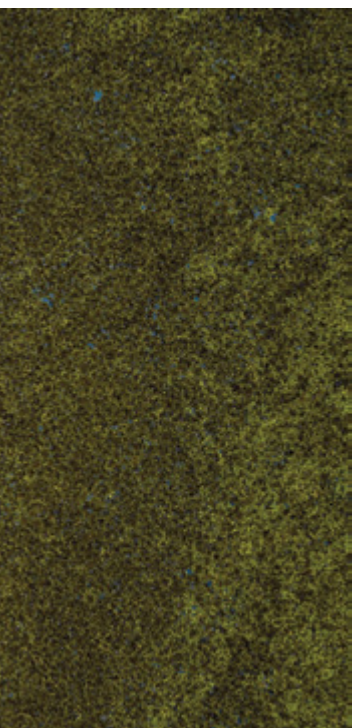
ocupação é exclusivamente com a foto. Já com o drone você é responsável pelo voo, pela segurança e pelos limites técnicos do aparelho. Então, não dá para esquecer do mundo enquanto produz uma foto, é preciso estar atento o tempo todo”.

**Na pelada no campinho de terra, as sombras é que fazem o movimento do jogo**

Fotos: Daniel Castellano







Sérgio Ranalli



Sérgio Ranalli

**Sergio Ranalli, fotógrafo especializado em agricultura e agronegócios, tem usado o drone para mostrar o cotidiano no campo de uma forma diferente, como o trator arando a terra (acima) e o agricultor colhendo pés de alface (ao lado)**

## CÂMERA NA MÃO

Para ele, o aprendizado de operação foi muito tranquilo. “Depois que você tem o domínio do aparelho, é como estar com a câmera nas mãos. As possibilidades de movimento do conjunto drone-*gimball* faz você conseguir enquadrar da maneira como enquadraria se estivesse com a câmera naquela altura”, explica o fotógrafo. Mas Ranalli adverte que é preciso buscar o máximo de informações antes de sair voando e

respeitar os parâmetros, os limites do drone e a legislação.

Ranalli diz que, quando já existe uma experiência anterior com fotografia aérea, isso facilita na hora de identificar o que realmente vale ser fotografado de cima, pois é possível imaginar como é a cena do alto. “Nem tudo fica legal com drone. Outro fator a ser levado em conta para usar ou não o drone é a mensagem que você quer passar com a foto”, explica.

Ele observa que, quando um fotógrafo sem experiência em fotografia aérea começa a trabalhar com drone, existe a tendência de querer utilizá-lo para a produção de quase todas as imagens. “O ineditismo de alguns ângulos é encantador. Ele faz imagens que até então não existiam. Depois, com o tempo, aprende-se que nem tudo é para ser registrado do alto”, comenta.

Em relação aos colegas fotojornalistas, assegura que não ouviu crí-





Rodrigo Felix Leal



Castellano com seu drone (acima) e um grupo folclórico em uma apresentação de dança (ao lado)

ticas pelo uso do drone, mas despertou muita curiosidade. Para ele, a maior parte dos fotógrafos sabe a importância de ter conhecimento sobre o tema. “Penso que daqui um tempo ter um drone será quase um item obrigatório”, afirma.

## POR INTERNET E VÍDEO

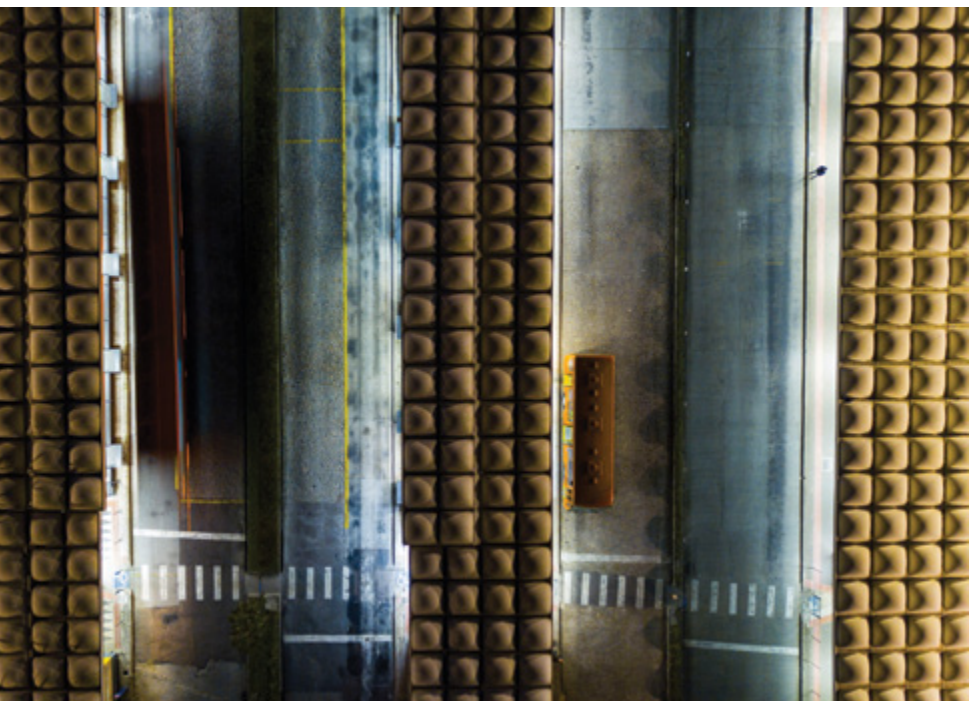
Daniel Castellano também não fez um curso de pilotagem. Antes de comprar o drone, viu diversos cursos pela internet e comparativos para escolher qual modelo se adaptava melhor a suas necessidades. Optou

por um modelo mais compacto, que ocupa pouco espaço na mochila, um DJI Mavic Pro, que tem há sete meses. Disse que leu o manual de cabo a rabo e foi aprendendo aos poucos graças aos vídeos do fabricante. “São excelentes, mas em inglês. Por isso, dominar a língua é fundamental”, afirma.

Castellano já tinha um projeto chamado *Periscópio Urbano*, em que mostra Curitiba e seus espaços urbanos por uma visão superior. Então, o drone veio para facilitar sua vida. “A maior vantagem é que agora não dependo mais de ter que pedir para porteiros e síndicos de prédios para subir e fotografar”, diverte-se. Ele não viu ainda nenhuma desvantagem para o trabalho que faz. “O único cuidado é estar atento para não provocar nenhum acidente ou transtorno com o drone. É preciso usá-lo com inteligência”, comenta.

## COMO JOGAR VIDEOGAME

Como resolveu dar um tempo com o fotojornalismo diário, Castellano tem usado mais o aparelho para projetos fotográficos pessoais. Para ele, tecnicamente o drone é muito mais complexo de usar do que uma câmera convencional. “Os controles para manobrar exigem uma coordenação motora muito grande.



Fotos: Daniel Castellano

É um terminal de ônibus em Curitiba, mas poderia ser uma imagem abstrata





Suellen Machado

**Ranalli com seu drone e duas fotos feitas no campo (acima e ao lado) que podem ser vistas como artísticas**

É como voltar a jogar videogame, só que no mundo real. Não há espaço para erros”, afirma.

Fora isso, ele segue os princípios fotográficos que seguia com a câmera na mão: ajuste de abertura, velocidade de disparo, ISO, *white balance*... Segundo Castellano, quem não tem conhecimento técnico em fotografia não vai usar tudo que o drone pode oferecer. “A liberdade de composição, por exemplo, é muito grande. O fotógrafo pode subir a poucos metros e já tem um ângulo completamente diferente, limpo, sem fios de energia. Ver tudo de cima e ficar procurando formas geométricas é um exercício



muito bom para o olhar”, diz.

Ele concorda com Sérgio Ranalli que nem todas as cenas merecem uma foto aérea. Para Castellano, o drone é como uma lente que leva a mais e usa apenas quando o assunto pede. “É o caso de acessar lugares em que eu não poderia subir, como sobre a lona de um circo ou o alto de uma torre. Já cheguei a subir em torre de iluminação de 30 metros para fotografar um estádio abandonado. Hoje posso fazer a mesma foto sem nenhum risco”, afirma.

Indagado se tinha algum fotógrafo como referência na área, citou o colega Sergio Ranalli. “Além de manter o olhar focado em fotos do cotidiano, ele ainda usa o drone como aliado nas composições”, comenta. Mas, ao contrário de Ranalli, Castellano ouviu críticas por parte de alguns fotógrafos. “É gente que não tem muito a visão do futuro da fotografia, que se prende muito ao passado”, comenta. Porém, a maior parte dos colegas gostou da ideia de ter essa liberdade de fotografar de um ângulo único. 📸